

A DISTOPIA E O DEVANEIO AMAZÔNICO PELOS OLHOS DE JOSÉ

Francisca de Lourdes Souza Louro¹

RESUMO:

Crônicas de Manaus, do Professor Doutor *José Aldemir de Oliveira*, é o inventário da Distopia que a cidade de Manaus vem sofrendo, pelo descaso político e social, com o desenvolvimento desde os tempos idos de 1967. É o olhar do morador, do geógrafo, do homem preocupado que percorre as ruas, os labirintos, os becos, as praças, os bairros os antigos e os periféricos e, os condomínios, espaços modernos da cidade. Também, no olhar, repousa o (des)conforto de perceber os prédios antigos, serem substituídos por novos modelos, (des)(re)configurando o espaço. As (re)(in)ferências dos modelos antigos vão se acomodando no labirinto da memória das pessoas que conhecem ou conheceram estes espaços, mas que logo vão para o calabouço do esquecimento e, essas pessoas, também, morrem juntos com o passado. A angústia de perceber o movimento de desfazer, fazer e/ou refazer a arquitetura do passado, sublimada pela presente e lustrosa, que ora se impõe como modelo e desejo da nova moda de arquitetura é o *Leitmotiv* da obra, é o amor declarado, em forma de crônica, que tem como personagem, a Cidade de Manaus.

Palavras-chave: Manaus, Geografia, História, Distopia, Espaço.

ABSTRACT:

Chronicles of Manaus, by Prof. Doctor José Aldemir de Oliveira, is the survey of the dystopia which Manaus has been undergoing, victim of the political and social neglect since the development of the 67's on. It is the sharp eye of a resident, geographer, and of a concerned man who explores the modern spaces in the city, including streets, mazes, alleys, squares, old and peripheral quarters, and condominiums. The (re) inferences about the previous models accommodate itself in the memory labyrinth of the people who know or knew these spaces, but quickly fall into oblivion. The same happens to these people, who die together with the past. The anguish as a result of noticing the movement of demolishing, building and/or rebuilding the architecture of the past, alongside the new and shining design, which asserts itself as model and desire of the new architecture is the *Leitmotiv* of the book, as well as the stated love, in chronicles form, having as character the City of Manaus.

Keywords: Manaus, History, Dystopia, Space.

¹ Doutora em Poética e Hermenêutica. UC-Portugal.

Quem então não se lembra
 _ó fraternidade
 de uma árvore, de uma casa,
 ou de uma infância?

(Louis Chadourne)

UMA EXPLICAÇÃO DO MODELO ANALISADO

A palavra Crônica vem do grego *Krónos*, e significa “tempo”. A crônica é o registro de acontecimentos num tempo e num espaço determinados, mas, pode-se dizer que os textos de Oliveira são de todos os tempos deste espaço, com alto teor literário, embora se apoie em fatos acontecidos, o que se lê e vê nos textos são passeios pelo violentamente desorganizado devido as transformações do dia a dia, que se vão revelando nas linhas, materializando a perda dos costumes de uma época e de decadência da cidade.

Mas, expliquemos a origem da crônica e, para isso, fomos lá ao atrás, redundando, nos tempos idos do Humanismo, com Fernão Lopes, gozando de certa reputação na corte de Avis. Em 1419, vamos encontrá-lo como Guarda-mor da Torre do Tombo, no reinado de D. João I. O filho deste, D. Duarte, admirando as aptidões de Fernão Lopes para a investigação histórica, nomeia-o em 1434 Cronista-Mor do Reino, com a incumbência de “*poer en cronyca as estórias dos Reys que antyguamente en Portugal foram*“, ou seja, encarregado de contar a história dos reis de Portugal; a Crônica de D. Pedro, a Crônica de D. Fernando e a Crônica de D. João I.

Fernão Lopes, em suas crônicas, fez o retrato da fidalgagem como se lê em Retrato de D. Pedro. Neste fragmento, apresentamos o que consistia a crônica daquele tempo real: “Este Rei era muito gago, e foi sempre grande caçador e monteiro... e El Rei era em dar mui ledo; e tanto, que muitas vezes dizia que lhe afrouxassem a cinta, que então usavam não mui apertada, para que se lhe alargasse o corpo, para mais espaçosamente poder dar, dizendo que o dia que o rei não dava, não devia ser havido por rei”.

Em tempos modernos temos, *Crônicas de Manaus*, de José Aldemir Oliveira, passeando nos mapas da Geografia da Cidade revelando-nos as transformações da vida urbana, social e cultural na modernidade. Manaus, não é Delfos em que reina Apolo, é, como se verá, o da peregrinação de todos nós. Uma cidade entre o real e o imaginário, onde o papel da memória se fragmentou na (des)construção das diferentes identidades

urbanas que por ora se apresentam. Não que o autor queira dizer que antes desse tempo, a cidade fosse o Paraíso de Dante, nem, tampouco, pensa em (re)construir o mapa da antiga cidade. Mas, observemos, os lugares estão colocados como um jogo de palavras e intenções e, os textos, estão ali, somente, para nos fazer viajar e refazer os passeios de outrora, onde a memória confunde-se com o sonho, e trabalha para nos fazer perder a pista labiríntica que é esta cidade de muitos contrastes, de um lado o rio e de outro, a floresta que nos alija do contato com os outros estados do Brasil.

O rio e a floresta são importantes referentes em nossa cultura por ver-nos refletidos nessas duas grandiosidades. Contemplar as águas é completar e

remediar a identidade humana inscrevendo-a nos contextos originários em que ela exerce, pela linguagem e pela ação, e, sobretudo, reconhecer que o sujeito nunca se conhece diretamente. (PORTOCARRERO, 2005, p.35)

Porém, pela hermenêutica ricoeuriana, percebe-se o esforço do homem amazônico para existir e esse nosso desejo de ser, através das obras que dão testemunho desse esforço e desse desejo, revelam-nos como o homem é simultaneamente frágil e capaz.

Uma cidade pode abrigar tantas outras quanto às ações e pensamentos humanos são capazes de reconstruir, seja pelo uso que se faz de seus espaços e que pode lhe modificar o sentido, seja pelas memórias dos seus moradores, ou pelas imagens que, de forma oficial ou não, são criadas e transmitidas. Em qualquer caso, salta aos olhos, ou aos ouvidos em forma de ecos que, a cada texto apresentado, não se encontra jamais aquilo que deixamos na anterioridade. Concordemos que exista por toda obra, uma metáfora temporal que gira no espaço e no tempo e, esse passado memorialista, dança em círculos ao nosso redor.

UM OLHAR NAS CARTOGRAFIAS OU MAPAS DA CIDADE

Mapas de Manaus é um dos textos de expressiva pluralidade, apresentam-se com um cunho testemunhal e de observação pessoal, de como a cidade está caminhando na contramão da vida moderna. É latente a angústia sendo mostrada em formato de “crônicas da vida de um tempo que não volta mais” por José, onde confessa:

– Ando desolado com o abandono do novo israel, do monte sinai e das oliveiras, como se eles tivessem que pagar todos os pecados do mundo

novo, busco e não encontro as seringueiras no seringal mirim, *queria* tanto andar devagar na rua nova; *quero* alegrar-me com os jovens educandos; *quero* liberdade para subir o morro; *quero* a polis do petro.

Este tormentoso *querer* manifesta-se de modo quase neurótico num monólogo como se vê desde o início. A atitude do escritor pauta-se na contemplação e observação pela representação, como um espectador de si mesmo nesse tempo e nesse espaço, mais que isso, expressa com insistência no verbo *querer* com desejo anafórico de se fazer notar e, talvez, possa-se dizer que, as inversões propositais, sejam para iluminar a língua e despertar analogias linguísticas.

Em *Percurso do reconhecimento*, RICOEUR (2006), diz-nos que devemos saber desde as primeiras páginas de um livro, que a ideia de reconhecimento possui um vínculo privilegiado com a identidade, quer se trate, como estudo de reconhecimento-identificação de algo em geral ou, na parte do estudo de reconhecimento-atestação e, que, toda instauração, é potencialmente de natureza reconstrutiva, seja pela reflexão espontânea, seja pela reflexão filosófica, e, assim sendo, nesse vai e vem de níveis reflexivos de ordens diferentes é essa a característica de “identidade contemporânea” que os modernos procuram teorizar.

O que está em experiência nas narrativas são o Tempo e o Espaço. Como numa confissão, o narrador abandona-se a uma memória sinuosa que se apresenta através de uma extraordinária imagem, sempre a mesma cena, a da derrota, da eterna melancolia de um tempo que passou, viu e só a lembrança ficou.

A Cidade, a que um dia conheceu e cujo amor é confessado, desfigurou-se tragicamente, já não é mais a mesma Cidade, também, não é mais o mesmo José que a olha. Lembrar-se de cenas que desfilam na (re)constituição das imagens mais longínquas, é (re)configurar o passado histórico desaparecido, deixando passar ao espectador o mesmo desassossego e perplexidade com os acontecimentos.

Sobre discurso, BIROLI (2008) acrescenta-nos que muitos autores do século XX, tinham o pensamento filosófico e político voltado para a reflexão da tradição e o rompimento na modernidade capitalista e, a mesma, aponta, ainda, para a ideia de Hanna Arendt sobre *a tradição e seu rompimento* que marcam profundamente o pensamento e a história ocidental, por estarem sendo radicalmente explicitadas pelo horror do totalitarismo das relações dos homens com a história e com a memória. Esse aspecto é que se observa nesse autor, as relações do homem com a história da geografia da cidade.

Nos textos de muitos autores vê-se a capacidade de mostrar que a História e a Geografia, são irmãs nas municipalidades, ambas mostram como mudam as histórias das cidades, sendo as duas, capazes de apresentar as transformações de uma historicidade com rastros e pistas que revelam, não só o sujeito, mas o pensamento desses, nesse grande painel de sua existência.

A obra de Aldemir é dividida em partes denominadas: Lugares; Gente; Amores. Os textos abrem-se como um grande álbum de fotografias e são novamente (re)clificados, (re)gravados, (re)pintados, pelas lentes do autor.

Aldemir teve de sair do conforto do sofá para olhar, investigar, comparar os tempos imemoriais, o que estava guardado, passando a limpo o passado, limpando o sujo e o duvidoso que ora se espalha pela cidade, trabalho que envolve a temática da (des)construção do espaço manauense, a territorialidade (des)configurada pela marginalização ou pelo descaso que o poder público executa e ou (in)executa. É o lamento do homem morador preocupado com a história da Geografia do solo, dos rios, riachos, lagos, estradas, casas, prédios, ruas, praças que foram e não são mais lugares de passeios das famílias. Nesta proposta de análise, somente “Lugares” ocupará este espaço de leitura.

RICOEUR em, *A lembrança e a imagem*, questiona-se sobre a “recordação” com a seguinte pergunta: é a lembrança uma espécie de imagem? Para isso recorreu a outro filósofo; Husserl que pensa sobre essas questões filosóficas dizendo que a “espera” deve estar colocada do mesmo lado da lembrança, mas do outro lado das presentificações temporais como está escrito em alguns manuscritos sobre o tempo. Então, para a fenomenologia da lembrança, o que importa é que a nota *temporal da retenção* possa juntar-se à *fantasia* onde possa se estabelecer com a fenomenologia das significações. Também, recorreremos à Hermenêutica, para apoiar-nos nessa pesquisa laboriosa de ver pela memória, os recantos da cidade mascarada de marcas impressas da ruína que a temporalidade imprimiu.

E, assim, vamos aos textos de Aldemir e o que se pode inferir sobre os mesmos. Escolheremos aspectos frasais que coordenem com o que se quer mostrar. Procurar-se-á referências em autores com os quais se possa dialogar, seja pela semântica, ou semiótica, ou pela hermenêutica filosófica para dar suporte teórico ao proposto e, mostrar pelo texto, o que chamamos de Distopia:

Mas, expliquemos o significado do termo pela estudiosa portuguesa Maria de Fátima Silva. “Utopia radica nos modelos mais antigos da criação literária europeia,

desenhando-se como modelo de vida considerada perfeita”, embora Platão tenha preferido falar em “República ideal”. Porém, com o avanço do tempo, o “desvio” desse modelo perfeito foi sendo substituído pela “Distopia”, a deturpação de um quadro de vida (re)conhecido nas leituras dos escritores e, aqui, aponto para Milton Hatoum que mostra a mudança da cidade para o lado negro que o desenvolvimento imprime em seus romances.

Sabe-se que os modelos de sociedades que se conservam nos moldes do perfeito, andam de mãos dadas com o modelo de governo que trabalha a questão de valores básicos, religiosos ou outros. ARENDT (2001) diz-nos que por mais desastrosas e imprevistas as consequências do ato humano, jamais poderá desfazê-lo, e que, somente pela visão retrospectiva do historiador é que a sociedade tomará conhecimento do ato.

ECO (1994), em sua obra, *Seis passeios pelo bosque da ficção* diz-nos que todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho. Mas, percebamos nos quadros apresentados pelo autor que, mesmo no modelo distópico, radica o caminho filosófico e o científico e, é assim que veremos o que viu José Aldemir, o operário da palavra, resistente e político guardião do tempo, chamando-nos a atenção para o que acontece na nossa Cidade.

Trataremos de vários contos e formaremos frases pelas ideias apresentadas, mas obedeceremos ao que se chama de coesão e coerência, e que tenha contextualização e logicidade para o que se quer apresentar.

Tanto lugar para se construir espigões, e temos que derrubar o que existe para construí-los e o fazemos como sinal de progresso. Da antiga casa, quantos sonhos e sonos lá se passaram, quantos amores e paixões foram lá embaladas, quantas vidas nascidas e outras tantas morridas, quantas idas e vindas, quantos começos e recomeços (p,29).

As forças criadoras da surpresa e da fantasia nas frases, criteriosamente construídas, também se revelam como um *o vir ironicus* por conseguir superar os limites da transitoriedade própria da notícia, do que aconteceu/acontecendo e, atinge o nível de arte literária com ator que acumula o papel de sujeito da enunciação e de sujeito do enunciado por nos contar histórias de uma parcela de sua existência. Isso se pode chamar introspecção psicológica, fluxo de consciência ou monólogo interior, ou, mais ousadamente como um proustiano: *À la recherche du temps perdu*.

O DESCONFORTO REPRESENTADO NA LINGUAGEM IRREVERENTE

A linguagem textual é moderna, difere dos antigos modelos de Fernão Lopes quando se iniciou em Portugal. Isso mostra que o tempo tudo reforma, deforma, disforma, transforma, até o jeito de olhar, dizer, viver, fazer e refazer.

Anos de Manaus e Mapas da cidade; vê-se uma nova noção e proposta de textos que apresentam os lugares da cidade. A escrituração é um jogo sob a mediação dos múltiplos (des)centramentos provocados na estruturalidade da intenção e inversão das palavras. Vê-se o recurso linguístico usado de forma irreverente com muitostrocadilhos, uma forma de homenagear o lugar e uma nova forma de questionar com a certeza de quem tem uma história para contar. É só olhar os “mapas” da cidade neste fragmento:

Que saudade da praça, da alvorada do dia no bairro, de colher flores na chapada e de cultivar o lírio no vale.[...] Quero alegrar-me com os jovens educandos, fazer o V de vitória na 8, voar nas asas da panair, ver o sol amarelinho nas águas negras da ponta e na outra ponta, a pelada, contemplar o negro do rio (p, 15).

Ainda se pode ser alegre porque não somos mais apenas bodozal e buraco do pinto. E, caminhar é preciso e, por isso, não somos mais colônia dos machados. Melhorar a cidade é uma tarefa para uns quarenta, mais que isso, é para todos os que amam, começando esse enfrentamento conosco mesmos, pois a construção da cidade é obra dos homens (p,16).

Os pequenos detalhes reiteram as condições sociais que vão sendo, em pequenas doses, explicitadas na narrativa. O desejo da idealização geográfica e, ao mesmo tempo, o uso do utopema de ressonância Morusiana – *fazer o V de vitória na 8, voar nas asas da panair, ver o sol amarelinho nas águas negras da ponta e na outra ponta, a pelada, contemplar o negro do rio* – é o que se ressalta nestes fragmentos de momentos de opostas intenções com os nomes dos lugares da cidade. A grande questão que desde o início se tem em conta a respeito é, pois, à visceral insatisfação de alguns seres humanos em relação à sociedade em que vivem, pois o *que os caracteriza é a indiferença, ninguém é para o outro nem totalmente conhecido nem totalmente desconhecido* (17/8).

Somente pela narração dos outros é que conhecemos a nossa cidade. No fio dessas histórias de “José”, chamamos de nossas histórias contadas por alguém mais arguto no olhar e na atitude de contar, isso constata-nos que, as lembranças, desde a

infância até as da vida adulta é a potencial vida que habita em todos nós. Ah! Como seríamos firmes em nós mesmos se pudéssemos viver, reviver, sem nostalgia, com todo ardor o nosso tempo primitivo.

Assim, com toda simplicidade, José põe-nos em presença das forças da Cidade apaziguadora e em turbulência quando diz: “Quero liberdade para subir o morro, ‘existem os jardins das américas e da europa que são floridos, mas as flores ainda são colhidas por poucos’” (p.16).

Observa-se que as imagens visuais são tão nítidas e formam com tanta naturalidade quadros que resumem a vida, Não que se queira acabar com os espaços privilegiados, mas se acabar com essas forças redutoras de poder, confusa e destruidora, com máquinas que destroem a natureza como se elas fossem nossas inimigas.

Observe que, nessa fala “liberdade e morro” é uma clara referência ao “morro da liberdade” bairro periférico da cidade onde a liberdade reinante é severa e cerceada pelo descaso político e social. Em seguida, apresenta outros lugares os “jardins das américas e da europa”, personagens distintos em sua categoria de status social. Interessante é perceber que a América é muito distante da Europa. Porém, no espaço onde estão localizados, ficam um frente ao outro, olhando-se e disputando em qual está a imponência de viver bem. Os passantes, em muitas vezes, andam entre Europa e América, passam despercebidas do ambiente que isso reflete na vida social do manauense. É só um nome eleito para as pessoas “chiques” habitarem, porém, tem uma carga positiva muito forte.

A palavra “morro” é sempre rodeada de preconceito, gente invasora, com muitos de pele escura, queimada pelo trabalho exposto ao sol, proletária e quase sempre sem instrução, provavelmente vindos do interior tentar a sorte de emprego, nas fábricas do DI. São os moradores dos casebres, os favelados, os esquecidos pelo poder público. Já os “jardins”, como o nome sugere, “américa”, é o desenvolvimento ditando as regras para o mundo capitalista e, o segundo, “europa” é o mundo antigo, organizado e, em ambos reinam a segurança e a vida boa que a sociedade pode ter, já que por lá mora gente de melhor instrução, os privilegiados financeiramente e socialmente.

Como se vê nesses espaços reservados para as pessoas ditas de “classe social abastada” reina o que se chama de conforto por estarem guardados em vigilância, todo o tempo do dia e da noite, enquanto no morro, muitas vezes, mora o exagero da violência social. A segregação é muito evidente e constrange os moradores e os que percebem essa estrutura de vida na Cidade.

Com experiência, o autor mostra-nos fronteiras de sentido trazendo para dentro de sua (des)construção, visões de mundos, tensões constituintes de uma comunidade que tem na linguística e na cultura, formas específicas de manifestação e representação, como nessas palavras: morro e jardins, dois substantivos geradores de argumentação discursiva que não faremos aqui. Porém, as distinções são bem perceptíveis e, a pluralidade de sentidos, é fenômeno que instaura o texto e se assegura, nos níveis semântico e estético, por nos ofertar prazer da reconfiguração do passado nessa escrituração do presente.

Esse diálogo do morro com o jardim é controverso e dinâmico, cada um deles expressa uma visão de mundo, de tensões, valores, incluindo vozes dos excluídos, os do “morro”, que são abafadas pelo social e cultural dos “jardins”, já que jardins têm flores, e as flores, revelam bom cultivo do solo, produção de beleza para o mundo ver. Solo é a instrução e ou a condição financeira que fazem as flores brotarem no solo reservado (jardim o banco onde são depositadas as flores financeiras e escolares).

E, neste nosso mundo, o que mais faz falta são flores, que nos alegrem os olhos de emoção para amenizar a fome e de encantamento a tantos. A representação das flores é alegrar o jardim da vida, massacrada que o narrador, com toda carga de emoção diz: Melhorar a cidade é tarefa para uns quarenta, mais que isso, é para todos os que amam. Aí está o devaneio do sonhador não sei se de palavras ou de desejos, “no decorrer dessas leituras encontramos um irmão em quimeras como diz” BACHELARD (2006).

A cidade e o sonho e A natureza na e da cidade, vamos encontrar com o personagem que tem uma história igual à de muitos José, os que vieram do interior do Amazonas. Garoto de olhar espantado não consegue fixar-se num ponto, tudo é fugaz, nada é permanente. Tudo é perturbador neste lugar de onde se vê a cidade pela primeira vez. Ele que caminhava na cidadezinha sentindo o chão e o aroma silvestre, agora na cidade dribla as máquinas, [...] É uma multidão de gente que fala, come, vende, compra como se nunca ficasse parada e ao mesmo tempo não saísse do lugar (p, 17). Ele vê o vozerio da massa indefinida gente que passa correndo num vai e vem frenético parecendo algazarra de um bando de pipiras ao alvorecer, Vê o vento forte, vê os telhados, vê o reflexo da lua, vê um homem protegido da chuva, vê os moradores de rua espantados, tendo nas mãos suas tralhas, correndo de uma calçada para outra, buscando abrigo numa marquise, tal qual os animais da floresta buscando uma nova toca por ter sido a sua invadida (p, 19, 20).

BACHELARD (2006) diz-nos que as estações da lembrança giram no céu da infância e marcam-na com signos indeléveis. Diz-nos mais, que as estações das lembranças, têm o condão de embelezar quando sonhamos e, nessas rememorações, essas estações da infância são estações de poeta. E não é que são mesmo? Inúmeras ideias podem ser rastreadas em múltiplas teorias sobre o uso da linguagem e sobre a natureza e funções do texto literário de José Aldemir. Basta olhar “Ele vê o vozerio da massa indefinida gente que passa correndo num vai e vem frenético parecendo algazarra de um bando de pipiras ao alvorecer”.

Aqui cabe à análise pela senhora Estilística descritiva dizendo-nos que podemos selecionar, por mecanismos intuitivos, partes de discurso que podem conduzir à unicidade ou essência da mensagem e, justificar, dessa forma, o uso do verbo VER no sentido de OUVIR, o verbo PARECER usado como termo comparativo. Isso é levar em conta a percepção do leitor, já que tais fatos são justamente esses que causam surpresa ou manifestem um certo grau de imprevisibilidade da descrição sincrônica na descrição da língua. Isso é valorar a construção e ou elaboração do texto como fonte de expressividade textual.

Mas, vejamos como está sendo utilizado o verbo *ver*, está a querer dar visualidade ao que quer nos mostrar e, sem perder de vista, na forma indicativa presente, que é a forma convidativa de olhar os episódios que o narrador miniaturista elenca como graves os problemas da cidade. É nessa perspectiva que se vê a cidade sendo saqueada da sua forma de antes e se transformado nessa quinquilharia de coisas e gentes sem rumo ou horizonte.

Sabemos que as lembranças estão alojadas no zodíaco da memória e criam uma atmosfera de pertencimento, fazendo o ser dominado pelo universo ilustrado, reviver com as cores da infância, atizado, como vimos, em manias de contar nas sempiternas repetições da velhice contadora de histórias. Então, é a fábula da própria vida que muito José tem para contar, vejamos este trecho:

Presenciei uma mudança. Não conheço as pessoas, mas vi serem levadas para o caminhão bagagens, tralhas e histórias de vida, senti um pesar pelas pessoas que ali moravam, mas esse é o preço a pagar pela modernização da cidade (p,35,6). Como se vê, este é um caminhante atento, o olhar nos prédios e monumentos que nunca lhes escapam identificando as mudanças em cada detalhe, Sua caminhada é o relembrar de como se perdeu o prazer de passear por passear para ver e sentir a cidade em que a história e a geografia se fundem numa

topografia de sentimentos (e se questiona) onde isto vai parar? (p, 39,40).

O que temos recortado de dois textos inclui a parte da narrativa que apresenta a mudança, não só da cidade, mas das gentes que são expulsas em nome do progresso para os lugares distantes, isso dá visualidade à cidade que é a capital da Zona Franca de Manaus. Por esse status, Manaus sofre, ainda hoje, um processo de invasão de gente de todo lugar, da região e dos de fora, os chamados interioranos e os “estrangeiros”. Daí, a desapropriação dos que estão instalados nesses lugares, tudo em nome do progresso, também, para dar espaço aos que podem pagar, onde surgem novas moradas com preços altos e, nesses locais chamados prédios, umas gaiolas caras, são revestidos de importância pela promessa de segurança aos engaiolados.

PESAVENTO (2002) diz-nos que devemos saber que a modificação do espaço de uma cidade, dá a ela forma e feição, porém, deve conter em si, um projeto político de gerenciamento do urbano em sua totalidade. Mas a fetichização de algumas pessoas, como a de morar em prédios, fez o mercado imobiliário expandir-se com alto grau de domínio do público para o privado, como se conhece nas esferas da praia da Ponta Negra. E é nesse movimento de expansão que ordena o espaço da praia, não é mais da população, e para isso, quantos tiveram de por as tralhas no caminhão e sair de cena, indo para os lugares mais distantes, lá onde se instalam as periferias que acomodam os exilados do seu lugar. Aqui, em nossa sociedade, está implantada a cultura das classes subalternas, as que servem de escada aos que darão ao espaço, novos statusrecriado com nova perspectiva de ambiente.

No traçado da Cidade de Manaus, o narrador cicerone, é sempre um pedestre observador e denunciador. Apresenta a pintura desbotada da sociedade incessantemente revolvida pela tempestade dos interesses que o dinheiro compra com prazer e, sob o qual, turbilhona uma seara de ambientes, que antes serviam de prazeres, em sinais indeléveis de cosmopolitismo.

A cidade é um tecido de relações sociais, mas, em determinados espaços, não se vê pela existência da muralha que separa o público do privado, estabelecendo limites de convivência e fortificando o limite da fronteira do que era urbano e do hoje, particular.

O sonho do homem José se diluindo no espaço como o cheiro que a cidade agasalhava no seu ventre.

Manaus, situada no meio da floresta que a molda e nas margens dos dois maiores rios do mundo tem em seu horizonte a cor cinza, pois não temos jardins, sequer um parque na área central. Como seria interessante se tivéssemos um parque temático com seringueiras, castanheiras, vitórias-amazônicas e outras plantas silvestres que só nestes trópicos há. Mas quem se preocupa com isso? (p. 21). Os pássaros voltarão, pousarão as mais belas borboletas e os tajás brotarão como celebração da vida (p, 22). Quem viveu em Manaus nos anos sessenta com certeza lembra do cheiro de peixe fresco, de miúdos de boi, de frutas novas como perfumes de terra, água e floresta que exalavam nas imediações do Mercado Grande ... Todavia, nenhum cheiro era mais marcante do que a fragrância do pau-rosa de uma usina situada no Emboca. Os cheiros? Como identidade dos lugares não existe mais (p,25,6).

O narrador não é mais o garoto de olhos assustados que chegou querendo agasalhar na memória tudo que a paisagem lhe ofertava. Ele cresceu, viveu tudo que a história da cidade permissivamente (des)construiu. Expressa a tensão interna do sofrimento com os mesmo olhos assustados, agora, a de ver as transformações vertiginosas da brutal urbanidade (des)configurada com a modernidade. Percebe que esse tempo substituído está determinando comportamentos densos de complexa psicologia: a do isolamento.

O cheiro de ontem de pau-rosa, foi substituído pelo monóxido de carbono das grandes metrópoles que nos inseriu nessa globalização. Essa correlação do garoto/homem ainda é a do sonhador com o seu mundo de antes e do de hoje, com a diferença de que, não são mais os mesmos olhos que contemplaram a cidade de outrora, os olhos de hoje, estão cansados, precisam de lentes para correção das imagens que contemplam ainda a mesma/outra cidade. Mas, “pode-se dizer que este José, é o filósofo imerso no seu devaneio, escrevendo, “perto de uma taberna”: “tributo ao meu lugar no mundo”.

Os espaços foram lembrados, e o conjunto de reconstrução mostrou-nos muitas perdas e danos, o que é lamentoso, porém, de uma certeza temos, você é duro José, tem a coragem de mostrar-se constrangido, mas com carinho, mostra-nos a vida do passado sem perder a emoção do presente.

Vimos em sua criação uma Manaus ainda criança e, como toda criança, essa também cresceu, embora tendo uma família desmazelada, que não põe todos os filhos na escola, não os obriga a fazerem as coisas com capricho e, pior, permite e abre as portas e abriga nas salas os primos distantes que chegam e fazem bacanais sem respeitar a timidez de que sofreremos.

Somos reconhecidos pela pecha de preguiçosos, somos vítimas em nossa natureza da moleza que o clima nos faz ser. Pesados, muito pesados.

Em síntese, tudo isso foi possível graças à sensibilidade do escritor observador, incessantemente atento à vida e à arte que inventa. A representação da realidade efetiva-se através de uma visão estática ou dinâmica e, contar em capítulos as histórias da geografia da cidade, foi como ter a certeza de que, em Manaus, há pessoas que ainda sabem fazer declarações de amor a esta “Dama”, ainda jovem, com quase toda a história da infância e da juventude destruída, chegando à idade adulta, sem referência do vivido.

José foi observador em cada detalhe, em cada rua, via, beco, mostrou-nos em diferentes textos, momentos de forma clara nas relações de lembranças, identidade, uma linguagem que funcionou como uma ante sala para o resto da leitura em sua totalidade. O que o José geógrafo articula, são operações de leitura de um homem do povo, o que tem acesso às percepções com sensibilidade, recusando os problemas que a História apresenta, desorganização no processo da (re)constituição da cidade, trágico para a condição humana.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Lisboa-Portugal:Relógio D’Água Editores, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto,2010.

CORDEIRO, Cristina Robalo. **Le mal durécit**. Coimbra- Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2002.

D’ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto**. Prolegômenos e teoria da narrativa. 2ª edição; impressão, 2ª impressão. Editora Ática. São Paulo: 2001.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Trad. HildegardFeist. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

_____ **Sobre Literatura**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro. Ed. Record : 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **A Estilística**: Manual de análise e criação do estilo literário.Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, José Aldemir. **Crônicas de Manaus**. Manaus: Editora Valer, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed.. Porto Alegre : Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

PORTOCARRERO, Maria Luísa. **Horizontes da Hermenêutica**. Ariadne Editora, Coimbra-Portugal, 2005.

[Re]Discutir texto, gênero e discurso/ Inês Signori (org): Anna Christina Bentes...[et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RICOEUR, Paul. **Percorso do reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____ **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SPINA, Segismundo. **Presença da Literatura Portuguesa**. 9ª Edição. Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: 1991.

Utopias e Distopias. Coord. Maria de Fátima Silva. Imprensa Universidade de Coimbra, 2009.